

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

SILVA, Julio César de Paula e. Julio César de Paula e Silva (depoimento, 2017). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (1h 54min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS FILHO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (FAPERJ). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Julio César de Paula e Silva
(depoimento, 2017)**

Rio de Janeiro

2021

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistador(es): João Marcelo Ehlert Maia;

Levantamento de dados: João Marcelo Ehlert Maia;

Pesquisa e elaboração do roteiro: João Marcelo Ehlert Maia;

Técnico de gravação: João Marcelo Ehlert Maia;

Local: Juiz de Fora - MG - Brasil;

Data: 11/07/2017 a 11/07/2017

Duração: 1h 54min

Arquivo digital - áudio: 4;

Temas: Ciências Sociais; Didática; Educação; Ensino; Ensino privado; Formação acadêmica; Formação profissional; Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ); Literatura; Música; Pós - graduação; Sociologia; Vida cotidiana;

Sumário

Entrevista: 11.07.2017

A formação acadêmica do entrevistado; o momento de profissionalização na área de Ciências Sociais; as experiências profissionais numa empresa de pesquisa eleitoral; a interação com o público ao longo das entrevistas; o mestrado no Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ); a participação na pesquisa da Secretaria de Segurança Pública de Brasília sobre o perfil de consumidores de novas drogas; o tema de pesquisa do mestrado; o ingresso na docência em uma universidade privada; o processo de preparação das aulas; a pesquisa sobre teorias didáticas na elaboração das aulas; os materiais utilizados em sala de aula; o perfil dos alunos e as dinâmicas em sala de aula; a organização do tempo para a preparação das aulas; o aumento da carga horária em sala de aula; a baixa no mercado das faculdades privadas em finais da década de 2000; a experiência de aulas com centenas de alunos; a decisão de não realizar doutorado; os estudos em violão popular e as experiências profissionais nas artes; o ingresso como professor substituto no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Viçosa (CAp-Coluni – UFV); reflexões sobre sua formação em licenciatura; as primeiras experiências como professor de ensino médio; o planejamento pedagógico de Sociologia no CAp-Coluni da UFV; a dimensão da pesquisa na atividade docente; a experiência de leitura de textos acadêmicos com os alunos do ensino básico; a relação com os profissionais da educação da escola; a aprovação como professor do Colégio de Aplicação João XXIII da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF); as dificuldades institucionais do João XXIII com a diversidade de alunos; os desafios nas primeiras experiências como professor do João XXIII; a inspiração na metodologia da Escola da Ponte para as aulas; o trabalho com notícias de jornais nas aulas de Sociologia; as polêmicas em torno do bolsonarismo; o uso da metodologia dos estudos autônomos; o processo de avaliação para a disciplina Sociologia; a dinâmica com os outros professores de sociologia da escola; reflexões sobre a articulação com outros professores de sociologia; a estadia em Congonhas, Minas Gerais; a organização das aulas do Colégio João XXIII; os hábitos fora de sala de aula; a rotina de escrita do entrevistado; perspectivas sobre o futuro profissional; a escrita de literatura para o público de hip-hop; a conexão entre sua vida como docente, sociólogo e poeta.

Entrevista: 11.07.2017

João Maia – Então, hoje é dia 11 de julho, entrevista com Julio Cesar de Paulo Silva. Julio, obrigado por ter vindo aqui no hotel. E a primeira pergunta que eu faço, só para esclarecer é: onde e quando você estudou Ciências Sociais?

Julio Silva – Estudei a graduação aqui em Juiz de Fora.

J.M. – Em que época?

J.S. – Em 2000. Entrei em 2000 e saí final de 2004. E fiz mestrado no IUPERJ. Entrei em 2005 e saí em 2007.

J.M. – No mestrado, não é? Ainda era IUPERJ na época...

J.S. – Ainda era IUPERJ. E o doutorado eu não fiz, eu dei uma pausa...

J.M. – É, vamos falar sobre isso. E como é que começou assim essa passagem de ser um estudante de Ciências Sociais para viver as Ciências Sociais como profissão? Em que momento apareceu essa coisa de trabalhar com Ciências Sociais para você?

J.S. – Cara, durante a graduação eu já trabalhava com pesquisa eleitoral.

J.M. – É mesmo? Onde assim?

J.S. – É. Tinha um professor nosso que ele tinha uma empresa de pesquisa eleitoral, e aí ele contratava os alunos para... inicialmente para aplicar questionário na rua, fazer esse trabalho de entrevistador mesmo e depois eu fui trabalhar com ele como... já dentro do escritório tabulando questionário, ajudando a analisar dado, lançando dados...

J.M. – Isso era iniciação científica?

J.S. – Não, era trampo mesmo.

J.M. – Ah, ele tinha uma empresa...

J.S. – Ele tinha uma empresa. Ele era professor substituto e tinha uma empresa na cidade aqui. E aí eu fui trabalhar tabulando dado, entrando com dado no SPSS, gerando planilha, aprendendo a ler planilha, porque, até então, eu não sabia como fazer isso. E, pô, é uma coisa que a graduação nunca me ensinou, não é?

J.M. – Isso que eu ia perguntar. Você deve ter tido aula de metodologia na graduação, mas não... não teve essa sagacidade não?

J.S. – Tive. Não, deu não, cara. [Risos] Cara, aquilo que a gente estudava ali na metodologia tinha muito mais a ver com abordagem, com coleta de dados. Agora, a leitura do dado pronto, cara, foi um negócio bem fraco na abordagem do curso. Eu aprendi mesmo trabalhando, foi um negócio...

J.M. – E quanto tempo você ficou nessa parada da pesquisa eleitoral?

J.S. – Ah, eu comecei em 2002... 2001, comecei em 2001.

J.M. – Pô, bem cedo na tua graduação.

J.S. – E fui até terminar a graduação. Só parei com isso quando eu entrei para o mestrado mesmo, porque não era muito minha praia, era um lance que eu fazia para ganhar uma grana e tal, mas já ia treinando o olhar.

J.M. – Mas você acha que te deu uma sagacidade assim, independente de tu gostar ou não muito da coisa, como pesquisador?

J.S. – Deu, deu sim. Cara, a coisa de andar na rua aplicando questionário é muito legal, bicho, muito massa.

J.M. – Hum, a interação com as pessoas...

J.S. – A interação... e dá uma outra noção também, de coisas que o questionário às vezes não aborda, você não precisa perguntar para pessoa, mas você saca. Era muita pesquisa de intenção de voto. Então, na resposta que o cara respondia, mas que não estava na pergunta do questionário, era um universo, cara. Um negócio muito foda.

J.M. – [Risos]

J.S. – E assim, e a gente trocava ideias entre os entrevistadores, das impressões nossas e tal. Isso não fazia parte do trabalho. Era coisa, curiosidade nossa. Muitos eram alunos das Ciências Sociais, então a gente trocava essa ideia depois.

J.M. – Isso chegou a render alguma coisa? Assim, escreveu algum artigo? Foi num congresso com isso... ou foi só trabalho mesmo?

J.S. – Não, foi só trabalho mesmo. Quer dizer, no final da graduação em 2004, tinha uma professora da ciência da religião, ela era antropóloga, a Fátima Tavares e o Marcelo Camurça, que é professor da ciência da religião também.

J.M. – Conheço.

J.S. – Eles pegaram uns dados do CAED, para analisar perfil de alunos de escola básica. E era uma coisa monstruosa assim, 20 mil alunos assim. Só que eles não tinham traquejo nenhum com SPSS, com leitura de dado quantitativo e tal. E na época, fui eu que desembolei os dados para montar a pesquisa. E aí a gente fez uma publicação, cara. Tem uma publicação na revista Numen, que é a revista do Departamento de Ciência da Religião. E um livro organizado pela Leia Perez, antropóloga da Federal do Rio Grande do Sul, não é? Não sei onde ela está agora, na época ela estava lá.

J.M. – E aí quando você entra no mestrado do IUPERJ você largou esse trabalho de pesquisa e ficou só estudando? Ou tu arranhou outros tramos também?

J.S. – Não. Durante o mestrado eu só estudei.

J.M. – Você tinha bolsa?

J.S. – Tinha bolsa. Aliás não, não só estudei, não. Eu tinha bolsa de mestrado e tinha uma pesquisa do Pedro Paulo, que era meu orientador quando eu entrei, não é?

J.M. – Lembro.

J.S. – Era uma pesquisa feita pela Secretaria de Segurança Pública.

J.M. – Do Rio?

J.S. – Não, de Brasília. Era para fazer o perfil de consumidores de novas drogas. Era alguma coisa assim... drogas sintéticas, não é? Êxtase estava em alta na época, special K. Umas drogas muito incomum assim para nossa geração. Risos. E a pesquisa era isso, eu fiquei um ano e pouco trabalhando com ele nessa pesquisa, colhendo dado, fazendo clipe de notícia...

J.M. – Mas tinha um lance quantitativo também ou era outra coisa?

J.S. – Não, não. Aí era qualitativo.

J.M. – Entrevistas...

J.S. – É, entrevistas... aí tinha umas entrevistas com alguns usuários e teve uma fase de grupo focal. Foi massa, foi a primeira vez que eu trabalhei com grupo focal também. E aí ele pegou vários grupos e em cada grupo tinha um perfil diferente de usuários de droga. E eu participei da montagem do grupo focal. Fiquei naquele grupo que fica atrás do espelho lá anotando...

J.M. – Anotando...

J.S. – Depois ajudei a transcrever dado. Foi um negócio...

J.M. – Legal. Mas tua pesquisa tinha a ver com isso ou não? Tua pesquisa de mestrado...

J.S. – Inicialmente tinha. Inicialmente sim. O meu eixo temático quando eu entrei no mestrado era jovens e drogas, que é um eixo... abriu esse tema no IUPERJ quando o Pedro Paulo foi para lá. Só que quando ele saiu, ele saiu de lá em 2006, e ele não quis orientar mais, não quis me orientar...

J.M. – Aí cortou...

J.S. – Levou o trabalho dele todo junto com ele e tal. Foi para o IFCS.

J.M. – Aí tu mudou de tema...

J.S. – Aí eu mudei de tema. Aí fiquei um tempo assim vagando sem saber o que fazer. Não tinha ninguém para me orientar com o que eu tinha de levantamento bibliográfico, de ideia para fazer uma dissertação, e aí eu tive que mudar de tema, cara. Fui para pensamento social com a Maria Alice. E aí escrevi sobre Darcy Ribeiro. E foi um parto, não é? Tive que...

J.M. – Em um ano...

J.S. – É, eu fiquei mais um ano, atrasei mais um ano para poder terminar.

J.M. – Tá. E quando é que a docência entrou na tua vida, cara?

J.S. – Então, aí, antes de terminar, antes de defender a dissertação, eu perdi a bolsa. A bolsa acabava em março de 2007, não é? Eu fui defender só em...

J.M. – 2008...

J.S. – Dezembro de 2007 que eu defendi. Mas quando terminou minha bolsa, cara, foi uma grande cagada assim. Uma faculdade daqui de Juiz de Fora... uma faculdade privada aqui estava precisando de professor para dar aula de política. É... o Diogo, Diogo Tourino...

J.M. – Tourino.

J.S. – É. Ele não podia pegar essas aulas na época. Ele já estava, já tinha começado o doutorado e tal. E aí ele acabou me indicando e eu comecei a dar aula.

J.M. – Aqui em Juiz de Fora...

J.S. – É, aqui em Juiz de Fora. Eu dava aula de política para Pedagogia, Sistema de Informação e Administração. Inicialmente era isso.

J.M. – Como é que foi isso aí?

J.S. – Cara, eu tive que aprender muita coisa, não é? Muita leitura ali que era material bibliográfico do curso, eu estava lendo pela primeira vez. Então eu tipo aprendi junto com os alunos, não é, cara? Eu já tinha a imaginação sociológica, já tinha a ferramenta mental para mexer com aquilo, só que muita coisa, a leitura era a primeira vez, cara.

J.M. – Os conteúdos mesmo... Era à noite?

J.S. – É. Era à noite. O curso de Direito que eu comecei no semestre seguinte era de manhã também, mas Sistema de Informação, Administração e Pedagogia era à noite.

J.M. – E como é que era teu esquema de preparação de aula assim? Você pegava um dia, anotava, preparava tudo... como é que funcionava para você assim nessa época?

J.S. – Pô, era... era bem assim. Para cada aula, para cada dia de aula, eu perdia um tempão...

J.M. – Você tem essa noção de quanto mais ou menos? Cada dia de aula te consumia um outro dia de preparação ?

J.S. – Era tipo isso. Risos. Coisa de 5, 6 horas de preparação para 1 hora e 40, 1 hora e meia de aula. Era isso.

J.M. – Entendi. E isso consumido lendo os textos que você ia dar ou você lia material de apoio, você procurava outras coisas?

J.S. – Eu lia texto de referência, material de apoio, tentava pesquisar relatos de professores que já tinham trabalhado com aquilo. Fiquei muito bitolado com didática, com técnica mesmo de didática para dar aula. Fiquei muito imerso nisso, até que percebi... até um dia que percebi que isso era uma grande besteira. [Risos]

J.M. – [Risos]

J.S. – Sério, grande, cara. Uma parte considerável dessa bibliografia é coisa muito técnica, coisa muito técnica e eu tenho a impressão que nunca foi testado. Ainda tem isso... que as pessoas escreveram aquilo e jogaram aquilo para o mercado editorial sem nunca nem ter testado aquilo, porque dava muito errado.

J.M. – Aham. Você tentava algumas coisas?

J.S. – Tentava para caramba.

J.M. – tipo, dá um exemplo assim.

J.S. – Tipo, tinha uma que eu achei assim que era menos técnica, achei massa, cara, que era um lance de trabalhar com memorial. No primeiro dia do semestre eu pedia um memorial para todos os alunos da turma e toda a dinâmica do curso ia ser baseada naquele material. Tipo, montar bibliografia, organizar os temas das aulas e tal.

J.M. – Interessante.

J.S. – Só que, cara, aquilo virou uma constelação gigante. A turma com 30 pessoas, são 30 biografias diferentes. Não 30, mas muitas biografias...

J.M. – Perfis...

J.S. – Perfis e trajetórias diferentes. É super difícil, cara, fazer aquilo. Aquilo, sei lá, é trampo para professor que tem 10 bolsistas para trabalhar com ele.

J.M. – Assistentes, etc. e tal.

J.S. – Esse foi o que eu mais fiquei empolgado de tentar...

J.M. – E não deu muito...

J.S. – E aí que não deu, cara, não deu. [Risos]

J.M. – E você costumava levar materiais para aula? Você levava anotações para você? Ou você ia assim mesmo...

J.S. – Levava, levava. Não, inicialmente eu usava muita anotação.

J.M. – É?

J.S. – É. Era minha primeira experiência em sala de aula. Eu precisei muito de recorrer à anotação assim.

J.M. – Sei.

J.S. – Mas eu levava muito vídeo, áudio, letra de música, porque o perfil, cara, dessa faculdade aqui era de aluno que tinha feito o ensino médio muito ruim. Então, o nível da aula ali não era um nível ... não era a mesma aula que você dá numa graduação de faculdade pública.

J.M. – Claro.

J.S. – Nem numa graduação de Ciências Sociais. Eu tinha que recorrer, cara, a linguagens que davam uma suavizada no conteúdo assim. Então, era isso, era filme curto, música, poesia, outras obras da literatura em prosa assim para poder fortalecer...

J.M. – Mas além disso, você passava os textos originais ou dava mais comentador?

J.S. – Não, passava o original.

J.M. – Mas era mais reduzido?

J.S. – É. Isso foi uma coisa que eu nunca, nunca...

J.M. – Abriu mão...

J.S. – Abri mão. Tipo, sei lá 30% do material que eu deixava indicado era de comentador. Eu sempre privilegiei a fonte primária...

J.M. – Os originais... e alguma dessas coisas funcionou? Letra de música, vídeo... tinha alguma resposta melhor que você percebia na dinâmica?

J.S. – Era o complemento. Era mais como complemento mesmo. É lógico que, cara, quase ninguém lia, não é? O que tinha que ler quase ninguém lia. Na hora que tinha que fazer um trabalho, uma avaliação, a referência era muito mais pautada no material secundário do que na leitura dos textos.

J.M. – [Risos]

J.S. – Era assim. Comentava o filme, comentava o poema. E aí dava uma comentadinha pequena no texto.

J.M. – E nessa época você preparava aula em casa...

J.S. – É.

J.M. – E você tinha um horário específico ou era quando sobrasse tempo? Ou tinha uma coisa assim “Agora chegou a noite, eu vou ficar aqui...”.

J.S. – Nada. Era caótico, cara. Eu era caótico. Eu era assim, quando não era em cima da hora, tipo assim, “a aula tal vai ser amanhã e ainda não preparei”. Aí eu começo a preparar hoje.

Quando não era em cima da hora, era quando dava na telha. E aí cara, eu dormia muito mal, tinha muita insônia. Então eu preparava aula no meio da madrugada. Tipo era assim. Às vezes eu passava uma noite inteira sem dormir, ia dar aula, aí voltava para casa, aí que eu dormia e quando acordava, ia preparar a aula do dia seguinte.

J.M. – Caraca. Eram muitas turmas, então? A gente está falando do quê? Eram três cursos e eram três turmas?

J.S. – Inicialmente eram três turmas.

J.M. – Foi aumentando?

J.S. – Foi aumentando. Um ano depois eu estava com quase 40 horas. Tinham outros professores de sociologia e de política que foram passando em concursos, Fernando Fulgueiras era um, que foi para UFMG.

J.M. – Sei.

J.S. – Mas eles foram passando em vários concursos e aí eu fiquei...

J.M. – Iam te dando turma...

J.S. – É, eu fiquei... Durante um ano, eu era o único professor que dava aula de sociologia, de política, de didática de sociologia, de não sei o que, aquela coisa toda.

J.M. – Caraca. [Risos]

J.S. – Tinha um antropólogo lá, que é o Edson, mas ele ainda não pegava essas disciplinas mais hard não.

J.M. – Ah, então chegou um momento que você dava aula praticamente de segunda à sexta assim?

J.S. – Era. De segunda à sexta de manhã e de noite e às vezes à tarde.

J.M. – De manhã e de noite?

J.S. – Era. E isso era legal, porque o salário ficou muito bom, porque era professor horista, mas era um trampo bem puxado, cara. E curiosamente foi a fase que eu fiquei mais organizado.

J.M. – Te obrigou a te organizar?

J.S. – É. Risos. Me obrigou a me organizar, isso mesmo.

J.M. – Tu pegou o jeito um pouco também da preparação...

J.S. – É. Estava mais maduro em relação à sala de aula.

J.M. – E quando é que saiu desse cotidiano aí? Quando é que mudou essa dinâmica aí para outra coisa de trabalho?

J.S. – Então, eu fiquei lá 3 anos.

J.M. – De 2000 e...

J.S. – De 2007 até final de 2009.

J.M. – Certo.

J.S. – Cara, quando virou de 2008 para 2009, eu estava com uns puta salários, com uma carga horária altíssima, a faculdade entrou numa crise. A cidade... todas as faculdades da cidade entraram numa crise, acho, de matrícula, porque coincidiu com o boom do ENEM, do REUNI e aí a universidade começou a...

J.M. – Absorver mais...

J.S. – A absorver mais gente e tal. O mercado das faculdades privadas deu uma caída. Então, lá no Grambery, que era uma faculdade metodista, eles começaram a cortar carga horária de professor. Então eles criaram o ciclo básico, que me afetou profundamente. Eles pegaram todas as turmas que tinham sociologia, política, português, filosofia, metodologia, que eram as aulas que eram oferecidas para todos os cursos, e elas passaram a ser oferecidas uma vez em cada turma para faculdade inteira. Então assim eu dava aula num anfiteatro com 180 pessoas, 200 pessoas, e com uma carga horária reduzida e um salário super reduzido, sacou?

J.M. – E mais trabalho, não é? Falar para 180...

J.S. – É. Cara, assim, era conferência. Era um esquema de conferência que eu fazia, que assim para mim era interessante elaborar ... eu elaborava um texto.

J.M. – Você fazia um texto?

J.S. – Fazia um textão. E aí chegava no microfone, sentava e lia o texto. Era isso, não tinha como fazer uma aula expositiva, com diálogo, pergunta e resposta. Era impossível fazer isso.

J.M. – Caramba.

J.S. – E aí virei um conferencista. Risos.

J.M. – Não tão bem pago como os grandes conferencistas, não é? [Risos].

J.S. – É. Eu dava isso, 3, 4 conferências por semana, lendo... eu lia o texto que eu tinha feito, depois eu disponibilizava o texto para o pessoal. E era isso, ruinzão, cara. Aí no final desse ano eu cavei minha demissão lá na faculdade. Numa das turmas que eu estava dando aula, tinha quase 200 alunos, eu reprovei quase que 80% da turma. Reprovei assim com a consciência tranquila, porque eu sabia que a universidade não ia reprovar essa galera, ia dar um jeito para todo mundo ser aprovado depois, mas eu elaborei uma avaliação de alto nível, sabendo que ninguém ia conseguir responder essa avaliação. Chegou no final do semestre, eu estava com isso, com 80% da turma reprovada. E aí foi instantâneo, cara, eu lancei os dados no sistema numa noite, tipo sei lá, numa sexta-feira à noite, quando foi na segunda de manhã, sei lá, no início da semana seguinte de manhã, eu recebi um telefonema pedindo para ir lá

assinar minha demissão. Aí foi...aquela coisa toda, eu recebi um acerto legal, uma grana que deu para pensar um pouco na vida. E aí, cara, só que eu não queria fazer doutorado, isso para mim era claro já.

J.M. – Por que você não queria?

J.S. – Pô, me faltava muita base, eu fiz um mestrado muito meia boca. Eu estudei em escola básica... o ensino básico em escola pública, cheguei na universidade com muita dificuldade de leitura e tal. Isso aí é uma coisa que eu fui resolvendo ao longo dos quase cinco anos de graduação. E entrei para o mestrado com muito problema ainda, tipo, eu não lia em outras línguas, não leio até hoje. Eu leio mal mal em inglês, um pouquinho melhor em espanhol. Tinha muita leitura de texto contemporâneo que eu não tinha conhecimento nenhum. A formação aqui era muito clássica, a gente lia de pré-socráticos até Marx e Weber, os clássicos da sociologia em quase quatro anos de graduação. Nossa bibliografia era toda clássica, medieval, moderna e de contemporânea não tinha quase nada. Era isso, tinha sei lá, dois períodos que era de leitura contemporânea. Só que aí esses dois períodos era mais... já era específico, era para quem ia formar em sociologia, para quem ia formar em antropologia.

J.M. – Hum. Entendi, entendi.

J.S. – E eu fiz o da sociologia só. Formei em sociologia. Então eu li um pouco de Benjamin, Foucault. Mesmo assim são os clássicos contemporâneos, não tinha nada...

J.M. – É, nem são tão contemporâneos, contemporâneos...

J.S. – Eu li... era um curso, era isso, era Habermas, Foucault, Benjamin. Pô, não lembro. Era uma misturada danada, cara. Aquela maluco lá do meio é a mensagem...

J.M. – Marshall McLuhan.

J.S. – McLuhan. Então assim, cara, eu conhecia muito pouco assim de leituras mais profundas e leituras em outras línguas. E cara e percebendo esse problema, eu fiquei meio travado de ir para um doutorado. Eu queria resolver isso comigo primeiro, correr atrás de fontes que eu não

conhecia para depois entrar no doutorado mais maduro, mais preparado e tal. Só que acabou, cara, que a vida tomou outros meios, não é?

J.M. – Opa, fala sobre isso.

J.S. – 2009, quando eu cavei minha demissão lá na faculdade, eu já estava fazendo um curso de música em Barbacena. Aqui em Barbacena tem uma escola de música, que é uma escola livre. Você faz um básico de dois anos, depois pode ficar mais tempo se quiser e tal, mas eu fiz a seleção e entrei lá para estudar violão popular.

J.M. – Hum, mas você já tocava...

J.S. – Já tocava, mas nunca tinha feito profundo assim...

J.M. – Estudado a fundo...

J.S. – Aí eu fiquei lá dois anos estudando violão popular. Fui estudar arranjo, depois dos dois anos comecei a estudar arranjo, composição, fazer estudo de composição e coisa e tal e cara, eu entrei numa onda de virar artista, sacou? De virar músico profissional e tal. Comecei a enviar proposta para festival, a ficar pesquisando editais, FUNARTE, Petrobras e altas fundações culturais assim, e fiquei nessa durante um ano e meio, me dedicando exclusivamente à música e um pouco à literatura também. Fiz um estudo autônomo de literatura e comecei a publicar poesia. Cara, só que depois de um ano e meio eu falei totalmente.

J.M. – Ah, acabou a indenização...

J.S. – Acabou aquela reserva que eu tinha feito com a demissão lá da faculdade. Os tramos com música é um negócio assim, cara... Com arte é assim, eu conseguia um trampo muito bem remunerado, que durante uma semana eu ia lá dar uma oficina, fazer uma apresentação, fazer um bate-papo e tal. Era um trampo muito bem remunerado, só que demorava muito tempo para conseguir outro. Risos.

J.M. – Ah, saquei.

J.S. – Então durante esse ano e pouco eu fiquei assim, cara. Eu ia gastando um pouco da reserva que eu tinha e pingando trampo de arte de vez em quando. E aí cara, quando acabou o dinheiro, já com um monte de conta sem pagar e tal, surgiu um edital para dar aula em Viçosa.

J.M. – Para dar aula de quê?

J.S. – Substituto num Colégio Aplicação em Viçosa lá na UFV. E eu fui, cara. Fiz a seleção, fui aprovado e fiquei lá dois anos como substituto. Foi minha primeira experiência com ensino médio.

J.M. – Você tinha feito licenciatura?

J.S. – Fiz licenciatura.

J.M. – Aqui?

J.S. – Aqui.

J.M. – Antes de entrar então, como é que foi sua experiência de licenciatura aqui? Foi boa? Você tem lembrança?

J.S. – Não era legal não, cara. Não era uma licenciatura maneira, não. Eu recebo uns estagiários hoje lá no João XXIII, e eu vejo que o curso deu uma mudada, a licenciatura deu uma mudada, está bem interessante. Mas pô, era muito ruim, cara. Um bando de professor velho para caramba. Eu acho que a grande maioria não está aqui mais, já aposentou, já morreu, sei lá.

J.M. – Certo. Você diria que pouco aproveitou da tua formação na tua experiência profissional assim?

J.S. – É, aproveitei pouco.

J.M. – Inclusive de estágio, essas coisas assim...

J.S. – É, é. Cara, era uma formação muito burocrática, estava muito pautada na leitura de documento, tipo assim PCN, base curricular e não ...

J.M. – Estrutura de funcionamento do ensino...

J.S. – É, isso, era esse o nome da disciplina mesmo. Mas todas... várias disciplinas tinha essa abordagem burocrática, sabe? Uma ou outra se diferenciava. Tinha uma psicologia da educação, que era muito legal, que tinha uma abordagem mais... essa professora está aqui até hoje, inclusive, cruza com ela direto. Mas foi um dos poucos que eu gostei muito, o resto era muito burocrático e dava pouca noção assim do cotidiano, do chão da escola.

J.M. – Aí você chegou em Viçosa?

J.S. – Cheguei em Viçosa cruzão, cruzão. E aí eu fui dar aula lá da mesma forma que eu dava nos períodos de graduação aqui da faculdade privada. Bicho, foi um horror, cara. Seis meses depois os alunos estavam fazendo abaixo-assinado para eu parar de dar aula, para me demitir, mas... Aí depois disso deu uma suavizada, eu fui pegando o jeito e tal.

J.M. – Como é que tu pegou o jeito? Na prática mesmo ou você foi buscar alguma coisa, conversar com pessoas, ler algum troço?

J.S. – Pô, na prática, foi na prática mesmo, cara. Eu quase não conhecia ninguém que tinha experiência com ensino médio. Na época, todos os meus amigos estavam trabalhando em graduação, não é? E era assim, pessoal que tinha saído direto do mestrado e do doutorado e tinha ido para sala de aula na graduação. Então eu não tinha muito onde recorrer, não é, cara? Mas foi no cotidiano, trocando ideia com outros professores de outras matérias no colégio. Mas assim, mesmo assim o Colégio de Aplicação em Viçosa tem um perfil diferente, ele tem vestibular. Lá eles admitem alunos através do vestibular. E é um dos vestibulares mais concorridos da UFV.

J.M. – Ah, então é um público de uma classe social, um colégio da elite da cidade...

J.S. – Isso. Elite da zona da mata, porque várias cidadezinhas ali em volta que as famílias enviam os moleques para estudar lá, não é? Então, cara assim quando eu fui pegando melhor a linguagem... porque tem isso... o lance é o seguinte, o trabalho... eu percebi que o meu trabalho ele começou a ficar legal quando eu consegui fazer uma espécie de tradução de linguagem. Não dava para eu chegar e dar uma aula expositiva de 50 minutos como se eu tivesse falando para uma plateia de graduação, mesmo a graduação de faculdade privada. Mas eu tinha que modular um pouco a linguagem para chegar no nível do ouvido dessa moçada, sacou? E aí, cara, quando eu peguei essa manha de modular a linguagem, eu comecei a passar texto acadêmico para eles e eles estavam lendo, estavam dando conta de ler.

J.M. – Caramba.

J.S. – Assim, era texto mais leve. Eles liam Laraya.

J.M. – Certo. Aham.

J.S. – Eles liam Machado sobre sociabilidade violenta.

J.M. – Caraca...

J.S. – Era muito legal, bicho.

J.M. – Cara, e como é que era a preparação de aula para você? Porque na graduação, em geral, você prepara, mas às vezes nos colégios, a coordenação tem uma lógica que ela quer que os professores sigam... tinha isso? Você tinha que ter uma coisa mais burocrática para preparar as aulas ou era...

J.S. – Não, tinha, só que foi interessante, porque fui eu mesmo que montei o programa. Quando eu cheguei lá, o colégio não tinha professor de sociologia ainda. Ele não tinha cadeira para professor de sociologia.

J.M. – Você inaugurou?

J.S. – É. Teve uma antropóloga que deu aula antes de mim lá durante um tempo, só que o programa que ela tinha criado, cara, era o sumário de um livro, aquele livro da Cristina Costa de introdução à sociologia. Cara, o programa dela, você virava o sumário, pegava o programa e era igualzinho, era assim tum, tum, tum, tum. Eu falei “Não, pô, tem alguma coisa errada nisso”. Achei pesado demais para molecada e tal, e aí fui pesquisar PCN, que já tinha até outro nome na época. Era Base Nacional Curricular.

J.M. – Já era base nacional...

J.S. – Não, quer dizer, não. Não era base...

J.M. – Diretrizes?

J.S. – Não, então, tinha mudado de nome. Ah, mas... Eram orientações curriculares, era OCEN. E aí, cara, comecei a pesquisar de vários estados, de vários contextos diferentes, e aí eu mesmo montei com base nessa pesquisa, nesse levantamento que eu fiz, eu mesmo montei o programa, que no final das contas ficou muito mais parecido com as orientações do estado de Minas mesmo, que quem fez foi o Renan Springer.

J.M. – Lá da UFMG...

J.S. – É, quem elaborou lá foi o Renan. Tem um outro pessoal lá da UFMG também, mas eu não estou lembrando o nome agora. Um sujeito lá. Mas sim, a cabeça da coisa era ele. Ficou um programa muito bem feito, conceitualmente bem feito e praticamente bem feito. Praticamente no sentido do cotidiano da escola, bem feito também. Então, quando eu terminei de montar meu programa, eu vi que muita coisa eu tinha pegado dele, muita coisa eu tinha pegado desse... Então, eu seguia isso, cara. Eu criei o meu próprio programa, então era tranquilo. Eu pegava... Era um encontro por semana com cada turma e eu tinha 12 turmas. E aí cara, eu fazia assim, eu fazia um calendário do ano inteiro.

J.M. – Do ano inteiro?

J.S. – Do ano inteiro. Tipo assim, dia tal de tal mês e tal e tal e tal...

J.M. – Aula a aula, cara?

J.S. – Aula a aula. Eu fazia uma listona do ano inteiro, porque lá tem calendário de prova. Durante a semana de prova não tem aula nenhuma. Era um esquema meio de simulado, tipo simulado de cursinho. Então eu tinha que prever as paradas durante essas semanas, e era assim... e tipo isso reduzia... normalmente, a gente tinha ali 19, 20 semanas letivas ao longo do ano, e com essa semana de prova, eu tinha 12 só com cada turma. 12 de encontro para poder dar aula.

J.M. – Sei, sei.

J.S. – Então eu planejava direitinho, fazia calendário e eu previa o que é que eu ia abordar em cada aula. Assim, às vezes saía um pouquinho, às vezes eu adiantava numa turma ou desacelerava em outras e tal. E era interessante, cara.

J.M. – Entendi. Você tentava prever assim, se você fosse fazer alguma atividade? Tinha espaço para isso? Ah, hoje vou fazer sei lá, passar um vídeo, vou fazer uma discussão em sala... dava para fazer essas coisas?

J.S. – Dava, dava sim. Só que vídeo curto, porque, senão... coisa de vídeo de quarenta e poucos minutos por exemplo. Eu ia chegar passar o vídeo, ir embora, só ia falar dele na semana seguinte. [Risos]

J.M. – É verdade, é verdade.

J.S. – Era sempre um curta metragem, uma coisinha rápida assim.

J.M. – E tipo, consumia muito tempo a preparação de aula ou tu já entrava meio, em algum momento, meio já num certo automático?

J.S. – Cara, eu sempre preparei aula.

J.M. – Mesmo as mesmas, não é?

J.S. – Mesmo quando era o mesmo tema, é. E aí o tempo caiu um pouco. Se bem que não, não é? Eu falei que para uma hora e meia, uma hora e quarenta, eu trabalhava umas cinco, seis horas...

J.M. – Era, era isso.

J.S. – 50 minutos eu demorava umas 3 horas para preparar. Que aí eu ia ler, ia correr atrás, ia pesquisar vídeo, pesquisar material de multimídia e tal.

J.M. – Você usou o verbo pesquisar. Vários professores já falaram isso para mim assim. Às vezes as pessoas não pensam pesquisa como sendo... a atividade docente envolvendo pesquisa. Mas você diria que isso é fazer uma pesquisa...

J.S. – É, você pesquisa...

J.M. – Procurar material e tal...

J.S. – É. Eu pesquisava dados também, cara.

J.M. – Hum.

J.S. – Dados de, por exemplo, de venda de celular, de casamento, de divórcio, esses lances assim, de adoção de criança. Pesquisava não só pesquisa de textos, mas dados também para poder botar em sala de aula. De desemprego ... quando eu falava de mais valia em Marx, eu levava dados de importação, de exportação, desemprego, de salário.

J.M. – Interessante.

J.S. – Cara, eu fiz uma dinâmica com um texto do Marx e isso foi muito massa, porque eles leram... era aluno de ensino médio, de início de segundo ano do ensino médio, e eles estavam lendo um texto que eu não tinha lido na graduação, que era “Salário, preço e lucro”.

J.M. – Ah, eu uso na graduação esse texto. Difícil, não é facinho não.

J.S. – É difícil para caramba. Eu fiquei, sei lá, um dia inteiro lendo esse texto. E aí eu montei um organograma tipo traduzindo para eles o que é que era o texto em organograma.

J.M. – Tipo num power point assim?

J.S. – É, é. E o organograma, cara, só para passar cada trecho do organograma, eu demorava quase a aula inteira, parava em cada ponto, ia trocando ideia com eles e tal. É assim, até hoje eu lembro disso como a aula mais foda da minha vida. Risos.

J.M. – E eles curtiram? Você sentiu a resposta assim?

J.S. – Eles curtiram. Eles leram. Alguns alunos leram o texto adiantado e outros foram ler depois dessa aula, sacou?

J.M. – Junto ou depois...

J.S. – É. E aí eu tenho lá em casa até hoje a foto, cara, do organograma que eu fiz. Sentei no chão, botei uma cartolina e comecei a fazer os desenhos e tal.

J.M. – Ah, tu mostrou a própria cartolina para eles?

J.S. – Não, não. Isso foi para mim, não é?

J.M. – Para você pensar...

J.S. – É, é. Foi muito foda isso.

J.M. – Interessante, cara.

J.S. – E, pô, era uma aula de ensino médio. Uma aula bem nessa onda de pesquisar, de correr atrás. Então assim, voltando à pergunta, eu acho que é pesquisa mesmo. Não tem outro nome, eu acho.

J.M. – E como é que era a relação lá dentro do colégio? Os outros professores, coordenação, era boa? Os caras apoiavam, tinham reclamação?

J.S. – Apoiavam, apoiavam, cara. Pô, tinha uma pedagoga na escola, era a única pedagoga que tinha lá, que... era uma senhora já, estava quase aposentando... na UFV tem... Você conhece? Já foi lá? Já visitou um pouco?

J.M. – Conheço, já fui lá, já fui lá uma vez.

J.S. – Já ouviu a coisa do espírito esaviano? Eles têm essa coisa do espírito esaviano, que é uma parada super tradicional assim, tipo a tradição da universidade. E o pessoal replica esse discurso, sacou? Às vezes você vê moleques de graduação que acabou de entrar lá e está replicando o discurso do espírito esaviano e tal lá. Risos. E essa mulher tinha muito isso, cara. E ela achava que eu era uma afronta, sacou? Ela me achava um porra louca e que eu não tinha nada a ver com o tal do espírito esaviano lá.

J.M. – Ela falava isso diretamente, não, não é?

J.S. – Chegou a falar uma vez comigo.

J.M. – Ah, você não está de acordo com o que a gente...

J.S. – É, é. Isso, mas cara a figura era tão caricata que depois da primeira briga que eu tive com ela, ficou todo mundo do meu lado... então depois... Até eu ter coragem de comprar a primeira briga, foi logo depois desse abaixo-assinado, que fizeram um abaixo-assinado para eu ser demitido lá. Risos. Logo depois disso, eu resolvi peitar ela e aí ficou tranquilo, a coisa suavizou e eu consegui trabalhar depois de boa. Mas era, velho, uma pedra no sapato total. Foi o seguinte, ela... na verdade foi ela que tramou essa coisa do abaixo-assinado. eu tive um problema com uma das turmas e o texto da ocasião era aquele “O que é ideologia?” da

Marilena Chaui. É assim, eu entreguei para turma, dei uma aula ou duas aulas sobre o texto, marquei uma avaliação. Na avaliação a turma inteira foi muito ruim, tipo de cada turma que tinha 40 alunos, tinha, sei lá, umas três, quatro notas muito boas e o resto muito ruim. E aí, pô, fui para casa, li as provas e tal e pensei o seguinte “Não, eu vou cancelar tudo, inclusive de quem teve uma nota muito boa, e vou dar uma outra avaliação”. Só que eu fiz uma cagada, que foi entregar a avaliação para eles. Sei lá, na época eu achei que isso foi uma grande cagada, porque o pessoal que tirou nota boa não quis ser reavaliado, sabe? E eu não achava justo não reavaliar esse pessoal, porque eu considerei que era um problema meu também, sei lá, eu elaborei mal a prova, ou eu dei uma aula ruim, sei lá, de alguma forma a culpa era minha também, então eu precisava reavaliar inclusive essas pessoas que tinham nota boa. E aí, bicho, foi o estopim, porque tinha muito filho de professor da UFV que estava lá, sacou? E aí isso motivou a reação desproporcional dessa coordenadora. Ela recebeu um telefonema de um professor da UFV, que tinha uma filha lá... acho que a menina tinha fechado a prova e eu ia reavaliar a menina, e isso para ele era inconcebível. E aí, o que ela fez, essa coordenadora? Ela conversou com as turmas sem minha presença, marcou uma reunião com ela, com representantes de turma e comigo sem eu saber, sacou? Tipo ela foi lá, agendou essa reunião e só depois ela me chamou. Um dia eu estava passando no corredor assim...

J.M. – Aí ela “Entra aí para conversar”.

J.S. – É. Falou assim “É o seguinte: daqui a tantos minutos, os representantes de turma vão chegar aqui e a gente vai ter uma reunião, eu, você e eles”. Eu falei assim “Não, eu não vou participar dessa reunião”. Ela: “Pô, mas como assim?” e tal. E eu falei: “Não, porque primeiro eu não resolvi meu problema com eles. Até onde eu entendo, eu tenho autonomia para resolver esse problema com eles primeiro. Se eu não conseguir resolver, eu peço sua ajuda”, falei com ela. Ela falou assim “Ah, mas o que é que eu faço com esse pessoal que eu marquei?”, eu falei “se vira, foi você que marcou”. Aí eu saí fora e ela teve de fato a reunião sozinha com o pessoal, foi o pessoal que puxou o abaixo-assinado depois. Só que aí alguns dias depois eu tive a reunião aberta, levei as três turmas de primeiro ano para o anfiteatro, fiz a reunião com eles. Depois disso, cara, fiquei de boa assim, eu acho que muita barreira minha caiu também. De resistência em relação a eles...

J.M. – Sei, interessante. Ao final, você aplicou a nova prova para todo mundo?

J.S. – Apliquei e foi sucesso. E foi massa, porque eu já tinha estagiários lá nessa época, estagiários de licenciatura, o pessoal que ia lá para UFV e que ia lá para o COLUNI para fazer estágio comigo. Então nessa segunda avaliação, eu pedi opinião dos estagiários.

J.M. – Bom, retomando então a entrevista, você estava falando como é que foi a sua ida lá de Viçosa para Juiz de Fora.

J.S. – O meu contrato lá terminou em 2013, em julho de 2013, e em maio de 2013 a UFJF lançou o edital para professor do João XXIII. Foi assim, eu terminei o trabalho lá e três semanas depois eu fiz o concurso aqui e fui aprovado. Então foi uma sequência. Fiquei só uns dois meses de férias e comecei logo depois.

J.M. – Que beleza. E como é que foi a entrada aí na ... é muito diferente de lá?

J.S. – É muito diferente, cara.

J.M. – É? Em que sentido?

J.S. – O João XXIII faz sorteio, para o ingresso de aluno e o aluno passa a vida escolar dele inteira ali dentro. Ele entra no primeiro ano do fundamental e vai até o terceiro do médio.

J.M. – Por sorteio?

J.S. – Por sorteio. Então, cara, é um perfil de aluno muito mais colorido. A UFV era a elite da Zona da Mata que estava estudando o ensino médio lá. Aqui é muito colorido. Você tem filho de empresário, filho de professor da universidade, filho de professor da rede particular, da rede pública, você tem o filho do operário lá, o filho de família desempregada, sacou? É muito mais colorido o lugar. Tem uma dificuldade muito grande.

J.M. – Qual?

J.S. – Tem uma dificuldade institucional muito grande em lidar com isso. O colégio não consegue diminuir a diferença de capital cultural desses meninos. Então assim, o filho de classe média e o filho da elite que entra lá para estudar ele, ao longo da vida escolar dele, ele sempre está acima dos outros, cara. Institucionalmente a gente não consegue lidar com isso, sabe?

J.M. – Mas é um problema reconhecido assim do colégio ou é algo meio ocultado assim?

J.S. – Meio a meio. Ele é reconhecido pelos colegas que não tem cargo, mas existe uma resistência pelos colegas que tem cargo.

J.M. – Mas no caso para você, como é que impactou nas suas estratégias de aula?

J.S. – Então, cara, aí o meu primeiro ano de aula lá foi terrível. Foi pior ainda do que meu primeiro ano, minha primeira experiência na UFV.

J.M. – Caramba.

J.S. – Porque eu vim de lá achando que... Lá a aula era basicamente expositiva, era aula expositiva e durante a exposição lá... o que eu digo é no COLUNI na UFV.

J.M. – Sei.

J.S. – Durante a aula expositiva eu conseguia dialogar, a moçada fazia pergunta e tal, eu conseguia ter um diálogo com eles. Cara, aqui aula expositiva naquele nível que eu dava lá não funcionava de jeito nenhum. Eu via desinteresse da moçada, de ficar rabiscando, cochilando ou então de levantar no meio da aula e sair fora. E isso foi me deixando desesperado. E assim, quanto mais eu ficava nervoso com isso, menos eu conseguia dar uma aula. Era uma bola de neve assim. E aí eu comecei a pesquisar. Aí voltei a correr atrás da coisa da didática, da experiência cotidiana e tal. E aí cara, eu comecei a ter acesso a muito material sobre a Escola da Ponte. Conhece?

J.M. – Hum, sim, sim. Conheço, de ouvi falar, livro, reportagem de jornal, mas...

J.S. – É. É uma escola que desconstruiu todo o modelo da escola do século XIX. A aula não tem... as escolas não tem sino para marcar o início e o final das aulas. O professor não dá uma aula expositiva. As turmas não ficam agrupadas por idade, nem por série, é por grupos de interesse, as turmas se organizam por isso. E são grupos pequenos, 4, 5 alunos. E para cada grupo tem um professor orientador. Ele é... e lá eles têm esse nome mesmo, orientador, porque ele não dá uma aula, mas ele tira dúvidas. Então cara, é uma puta experiência de solidariedade entre as crianças, de autonomia, de auto-organização, de autoconhecimento, de cada um conhecer seu próprio limite e tal. Eu fiquei fascinado com isso, cara. Desde que eu comecei a ter acesso a esse material, eu venho tentando replicar alguma coisa parecida com isso dentro do João XXIII.

J.M. – Pô, fala mais sobre isso. O que você tentou já assim inspirado nisso?

J.S. – Primeira tentativa foi só mapear os grupos de interesse entre as turmas. Peguei uma turma de primeiro ano do ensino médio e fiz uma lista. Entreguei um papel em branco para cada um e eles foram ali listando assuntos de interesse deles. E era qualquer coisa, futebol, pornografia. Saiu de tudo, cara. E aí eu, a cada semana, eu pesquisava publicações da sociologia sobre aqueles temas para poder oferecer leitura para eles. Era isso e foi assim, início do ano já comecei a fazer isso sem nem passar por uma base da sociologia. Cheguei de cara fazendo isso. Cara, foi... começou legal, mas com o tempo os moleques foram acochambrando muito, porque entendia aquilo como aula livre, como um momento de fazer qualquer coisa. Entendia que durante uma avaliação, a avaliação seria flexível com eles a ponto de todo mundo ser aprovado sem fazer muito esforço. Foi isso, o resultado foi isso assim. Aí eu acabei voltando para o esquema tradicional, meio a contragosto, tentando salvar o ano, acabei voltando para o esquema tradicional. Aí no ano seguinte, eu fiz um pouco diferente. Eu comecei o ano, fiz a introdução à sociologia, mostrei o que é a sociologia, falei o que é senso comum, necessidade de desconstrução do senso comum, socialização, instituições sociais, cultura e depois fui para fazer a ponte. E aí, cara, eu fazia isso com base em pauta de jornal. Durante o final de semana eu olhava o que é que tinha bombado nos principais jornais, na internet e coisa e tal. E chegava lá no início da semana puxando um debate sobre a pauta de jornal e era muito massa, cara. Foi bem melhor do que a primeira tentativa, apesar de ser meio padronizado ainda, porque era o mesmo tema para turma inteira. Eu não seguia...

J.M. – Certo. Mas dividia em grupos?

J.S. – Não, não.

J.M. – Fazia com a turma inteira...

J.S. – Debate abertão. Fazia para turma inteira. E era muito legal, cara, ver o envolvimento deles, ver os conflitos que surgiam a partir dali também, não é? Cara, na época do golpe, por exemplo, tinha ali uma molecada MBL, uma molecada Escola Sem Partido e coisa e tal. Cara, e o conflito que emergia entre eles era muito real, e por ser real, eu achava que tinha... que estava rolando aprendizagem, sacou? Não era só modinha da Internet. Eles vinham com leitura mesmo, um para contrargumentar o outro. Às vezes para fazer ataque sobre mim, me chamar de professor doutrinador, tem um termo...

J.M. – Mas isso chegou a dar problema? Porque aí já está num momento da sala de aula que várias pessoas tiveram problema com isso, mas não passou de discussão em sala assim?

J.S. – Não, não. Teve um moleque uma vez que me jogou dentro de um grupo de WhatsApp do Bolsonaro, cara. Que foi isso, como a aula tinha essa dinâmica de ver jornais durante o final de semana para chegar lá com a pauta da aula, pegar as pautas do jornal para fazer a pauta da aula, eu mantive um grupo de WhatsApp com eles, e durante o final de semana eu ia botando link de jornal e coisa e tal. Cara, numa dessas, um dos alunos da turma me perguntou uma coisa sobre Bolsonaro e tal, não lembro direito como era a pergunta, mas a minha resposta era assim “Olha, seguinte, o Bolsonaro é um fascista, cara. Se você quiser eu te dou referências sobre fascismo para você ler, mas ele é um fascista. Ele é um cara que não tem lugar para ele num sistema democrático na sociedade republicana. Se você quer acreditar nele, tudo bem, mas saiba disso. Não tem lugar para ele, nem para as ideias dele dentro de um esquema democrático”. Bicho, três minutos depois, eu recebo aquela notificação ‘você foi adicionado em tal grupo’. E aí começou. Os moleques que travam lá no grupo começaram a fazer um linchamento comigo ali, a fazer várias perguntinhas babacas e tal. E aí, cara, o que é que rolou, um dos Bolsonaros da turma deu um print na conversa, nesse diálogo eu respondendo um aluno e enviou o print para esse grupo. Alguém leu ali o meu número que

estava lá e me adicionou no grupo, entendeu? Algum membro do grupo fez isso. E aí cara, eu saía do grupo, eu não respondi ninguém. Ficavam fazendo várias ofensas e tal, perguntinha irônica. Aí eu saía do grupo, alguém ia lá e me adicionava de novo.

J.M. – Caraca...

J.S. – Então, fiquei assim cara. O grupo tinha, sei lá, 100 membros, eu tive que bloquear um por um, porque... eu saía e bloqueava um e o outro ia lá e me adicionava, daí eu saía, bloqueava um... fiquei assim tipo quase uma hora bloqueando gente. Aí no dia seguinte, cheguei lá e dei um esporro sinistro. Dei um esporro geral na turma inteira assim. E aí o cara confessou...

J.M. – Ah, fui eu professor...

J.S. – “Fui eu”. E aí eu saí de lá puto. Encerrei a aula, vazei da turma e falei “ó, vou sair daqui agora e estou indo na Polícia Federal fazer uma denúncia contra você”, mas nem fui, cara. [Risos] Aí parei no corredor, troquei uma ideia com os colegas e tal, mas não fiz denúncia nenhuma.

J.M. – Isso foi ano passado, não é?

J.S. – Foi ano passado.

J.M. – E desde então, conseguiu alguma outra coisa com relação a essa questão da desigualdade dos alunos?

J.S. – Aí, esse ano... eu estava falando das minhas tentativas com a metodologia da Escola da Ponte. Aí esse ano, eu já estou tentando uma coisa que lá na Escola da Ponte eles chamam de estudos autônomos, que é... eu mesmo fiz uma lista de possíveis temas da sociologia que eles podiam estudar e deixei uma possibilidade em aberto para quem quisesse acrescentar temas, e cada aluno, cada aluna, criou sua própria lista. Com base nessa lista, eles criaram sua própria lista de interesse. E aí, então, cada um tem um roteiro. Então eu agrupei os roteiros, peguei assim tipo o primeiro ponto, quem tem o primeiro ponto em comum e agrupei os roteiros,

montei bibliografia e distribuí bibliografia para eles. Eles estão criando os grupos. Com base nesse agrupamento que eu fiz, eles tã se juntando para poder estudar juntos sobre cada roteiro que fizeram. Só que antes disso, eu fiz a introdução de novo, porque eu acho que precisava disso para facilitar. Fiz a mesma introdução, do que é sociologia até cultura para uma espécie de manualzinho de desconstrução do senso comum para depois fazer os estudos autônomos. Cara, está sendo muito legal. Eles estão lendo mesmo, eles estão lendo o material, eles estão trazendo dúvidas substanciais sobre o que eles estão lendo, sacou? Só não fiz uma avaliação ainda, porque nesse esquema de avaliação é o seguinte, eu vou dar para uma turma de trinta pessoas que tem ali, em média trinta pessoas, para cada uma eu vou elaborar dez a quinze avaliações diferentes, entendeu? Uma para cada tema. Então eu combinei com eles assim, quando cada aluno esgotar o material bibliográfico, esgotar todas as dúvidas e coisa e tal, ele vai chegar para mim e vai falar ‘Professor, eu quero ser avaliado’. E ele não precisa esperar o grupo dele ser avaliado, ele pode ser avaliado individualmente, sacou? Então isso não rolou ainda, a gente está na fase de tirar dúvida, de ler material, de montar material, mas a primeira avaliação ainda não aconteceu, não.

J.M. – Falando em avaliação, sempre que eu pergunto qual é a parte que o professor de sociologia mais detesta, menos gosta no trabalho, em geral é a avaliação. Contigo também, cara?

J.S. – Também. Risos. Cara, eu comentei isso com a Bia, a Beatriz das Ciências Sociais aqui, ela é professora da licenciatura também, a gente trocou umas ideias.

J.M. – A Bia, Bia Fulgueiras? Não?

J.S. – Ah, pô, sempre esqueço o sobrenome dela.

J.M. – Depois a gente lembra...

J.S. – É. É porque tem a Bia Domingues, só que a Bia Domingues é da História. Depois a gente lembra. Mas eu comentei isso com ela, cara, que conhecimento de Ciências Sociais é um negócio que demora para cair a ficha. Às vezes eu leio um texto, e a ficha vai cair dali a meses. O debate sobre aquele texto que eu li, a ficha vai caindo aos poucos. E o tempo da

escola não espera por isso. O tempo ordinário, burocrático da escola, não espera a ficha cair. Então como que avalia, não é, cara? Então assim, eu sempre faço uma avaliação mais assim, tipo cumprir o... com base muito mais em tarefa do que em conhecimento substantivo.

J.M. – Ah, realizou o trabalho que a gente concordou em fazer ...

J.S. – É. Tipo cumpriu tal etapa, tal etapa, pá, pá, pá, beleza. Para cada etapa que cumpriu vai ganhar tantos pontos. E eu faço muita prova fechada também. Muita prova de múltipla escolha, porque são muitos alunos, cara. Agora eu estou num esquema até mais tranquilo, porque as turmas são menores, são dois professores de sociologia no colégio, então a gente divide, mas mesmo assim ainda é muito. Eu hoje tenho 130 e poucos alunos. É isso, se eu for ler prova aberta de todo mundo... Fodeu.

J.M. – Cara, você mencionou o outro colega de sociologia, vocês têm uma dinâmica coletiva de se reunir, ver o que vai fazer, discutir? Como funciona?

J.S. – A gente tem, sim. A gente montou um currículo, cara, que ele é sem conteúdo, meio nessa onda da Escola da Ponte também. Ela... é a professora, Gisele, Gisele Moraes Moreira, ela não tem essa mesma linha, só que ela também não gosta do esquema tradicional, sacou? Então a gente sentou um dia para elaborar um currículo da disciplina no colégio, e a gente fez um currículo sem conteúdo. Então ele tem procedimentos ou o outro nome mais clássico é habilidades e competências, só que ele não tem conteúdo nenhum. Então tem lá as habilidades que a gente vai desenvolver em cada série, em cada época do ano, tudo separadinho e bonitinho e qualquer um pode pegar aquilo e usar o material que achar melhor, usar o conteúdo, o tema que achar melhor. A parte menos flexível desse currículo é o início, que aí não tem muito para onde correr.

J.M. – Que é o que você faz, não é? Você dá aquele núcleo básico assim, não é?

J.S. – Depois disso, cara, é assim, cada professor que pega a série, as turmas da série, ele vai ajeitar o conteúdo do jeito que achar melhor, com o que conhecer mais, com o que tiver mais prazer em trabalhar. No meu caso, eu misturo. Eu vou no que eu tenho mais prazer de trabalhar e naquilo que a turma gostaria de trabalhar também.

J.M. – É. Você consegue ter contato com professores de sociologia fora do colégio assim? Ir a congresso de professor, tem alguma iniciativa assim? Como é que é?

J.S. – Cara, não tem ainda, não. Todo ano eu me programo para fazer isso, mas ainda não fiz.

J.M. – Entendi.

J.S. – Tem aquele ENESEB, que acontece junto com a SBS, não é? Cara, eu nunca fui.

J.M. – Tem vontade?

J.S. – Tenho vontade. Eu sinto uma necessidade mesmo de ir conhecer outras abordagens e até de compartilhar o que eu estou fazendo aqui para receber um feedback.

J.M. – Sim, sim.

J.S. – Mas ainda não fiz, não. É mais por desorganização minha. No primeiro ano que eu trabalhei aqui eu não estava morando em Juiz de Fora.

J.M. – Você ainda estava em Viçosa?

J.S. – Não, eu estava em Congonhas. Quando terminou o contrato em Viçosa, eu fui morar em Congonhas, porque a minha companheira tem uma casa lá. A gente assim meio com medo de eu ficar desempregado, a gente foi morar um pouco nessa casa dela... ela era bolsista de doutorado, então ela estava mais tranquila assim. E eu estava na iminência de ficar desempregado, então eu fui morar lá para garantir pelo menos o aluguel, não ter que pagar aluguel, só que aí eu passei no concurso. Só que, cara, eu gostava muito da cidade. A cidade é uma bosta, feia para caralho a cidade. Conhece Congonhas, perto de BH?

J.M. – Não conheço Congonhas. Não conheço.

J.S. – Lugar horróroso, só que eu gostava de lá. Então a gente ficou até final de 2014 morando lá. Eu vinha aqui, dava aula e depois voltava para lá.

J.M. – Quantas horas são?

J.S. – De viagem? Duas horas, uma hora e meia.

J.M. – Você vinha de... Ah, você tinha carro?

J.S. – Tinha, tinha. A gente comprou o carro logo depois que eu passei no concurso, mas... então o primeiro ano, eu fiquei num bate e volta. Então eu não fazia nada direito, cara. Eu dava as aulas. Meu trabalho aqui era basicamente preparar e dar aula.

J.M. – Você preparava aqui inclusive? Você não preparava lá não?

J.S. – Preparava aqui. Eu ficava na casa da minha vó aqui em Juiz de Fora. Então o tempo que eu não estava dando aula, eu estava preparando, sacou? Preparando inclusive para semana seguinte e tal. Eu tinha essa organização assim, para quando eu voltasse para casa para Congonhas, eu ficar mais tranquilo.

J.M. – Nessa altura você conseguia ainda fazer aquela organização anual que você fez lá em Viçosa, não, não é?

J.S. – Tentei, mas não deu. Eu cheguei a montar o calendário, só que com a dificuldade metodológica mesmo com a turma, eu acabei abandonando esse calendário e pensando outras possibilidades. E aí então foi isso, 2013 eu não dei aula, eu fui nomeado em outubro de 2013 e aí o pessoal do meu departamento achou melhor eu começar a aula em 2014. E aí em 2014 foi essa decepção, decepção metodológica, 2015 foi o início da minha tentativa...

J.M. – Experiência Ponte.

J.S. – Aí foi isso, 2015, 2016 e agora 2017. Então, cara, 2014, 2015 e 2016, eu estava no meio do caos ainda, eu estava tentando me achar no meio dessa decepção da nova metodologia e coisa e tal.

J.M. – Quando é que você voltou a morar aqui, cara?

J.S. – Voltei a morar aqui final de 2015. Final... Não, pô, início de 2015 eu voltei a morar aqui. Então assim eu não procurei esses outros grupos de professores, congressos e coisa e tal, primeiro por desorganização minha e depois por necessidades de ter um ponto de partida primeiro. Agora eu já tenho, agora eu considero que eu já tenho. Eu já tenho material para levar para um congresso, para não chegar lá e ficar só como ouvinte, só recebendo informação.

J.M. – Entendi. E me fala um pouco assim dos teus hábitos assim fora da sala assim. Você costuma ler sobre Ciências Sociais ou coisas que te interessam que não sejam diretamente relacionadas à aula assim? Como é que é isso, cara?

J.S. – Ciências Sociais hoje é o que eu menos leio. Risos. Sério. Isso eu não sei se é ruim ou se é bom. Risos. Eu leio o material da área quando a Bela me indica alguma leitura. A Bela ela está fazendo doutorado em sociologia, minha companheira. Então, sei lá, de dois anos para cá, tudo o que eu li das Ciências Sociais foi porque ela me falou.

J.M. – Te falou “Lê isso aqui”.

J.S. – É. Espontaneamente eu não tenho procurado. Leio literatura, poema e, cara, audiovisual. É uma coisa... foi um professor lá do colégio que me habituou nesse termo, de fazer leitura audiovisual. Ele usa esse termo. O cara é um nerd, um professor de física, mas é um nerd, o cara mais erudito que tem no colégio e ele me deu esse toque uma vez, ele falou “Olha, se você tiver dificuldade para trabalhar textos com os alunos, começa a trabalhar leitura audiovisual”. Eu falei ‘Putz, cara, é isso’. Não é ver vídeo....

J.M. – É ler as imagens. Educar o olhar dos moleques para ler as imagens.

J.S. – É, eu achei massa e comecei a me habituar nisso também. Hoje eu leio muito mais leitura audiovisual hoje do que...

J.M. – Do que Ciências Sociais...

J.S. – Do que texto. O que é péssimo. [Risos]

J.M. – Depende...

J.S. – Eu acho péssimo, para mim eu acho que é, porque eu escrevo também, não é?

J.M. – Você continua escrevendo poema...

J.S. – Continuo escrevendo...

J.M. – E tu escreve também para preparar aula, não é? Você tem uma rotina para isso, cara? Tem que estar no teu canto, à noite, ou é meio caótico assim para escrever? Em geral, tanto o teu trabalho, quanto ficção.

J.S. – Não, cara. Para escrever sobre o meu trabalho, sobre sociologia, cara, é muito difícil hoje, porque eu estou com um bebê de um ano em casa. [Risos]

J.M. – Caramba, não sabia, senão nem tinha te chamado.

J.S. – Não, não. Estou de férias agora, tranquilaço. Ela está com um ano e cinco e, bicho, é muito difícil. A gente optou, eu e a Bela a gente optou por um esquema de criação... O pessoal chama de criação com apego, que é assim de evitar creche, de amamentar o máximo de tempo, de fazer quarto compartilhado e tal. Bicho, isso consome uma energia sinistra. Então, assim, o meu tempo de trabalho está muito no improvisado, sacou? É a hora que dá assim. Na hora que dá eu faço alguma coisa.

J.M. – Mas, por exemplo, quando você... um momento que a gente escreve muito é o mestrado, como é que você fazia para escrever assim? Tu tinha um ritual? Todo dia de oito às tais? Ou era uma coisa bateu a inspiração eu viro a noite?

J.S. – Cara, eu tinha... E quem me ensinou isso foi a Maria Alice até. Ela falou que eu tinha... um dia ela me perguntou assim “Como é que você faz para trabalhar quando você está lendo, está escrevendo e tal?”. Eu falei assim “Pô, eu acordo, tomo café e sento na sala e vou

trabalhar”. Aí ela “Tá, mas com que roupa?”, aí eu “Pô, com a roupa que eu tiver”, aí ela falou “Não, você vai vestir uma roupa, trocar de sapato, trocar de calça, sei lá o que, e vai sentar como se estivesse no escritório trabalhando”. E aí eu fazia isso, funcionava muito, sacou? Eu consegui produzir melhor depois que eu comecei a fazer isso. E até hoje eu sou meio assim. Mesmo quando eu estou em casa, na hora que eu vou trabalhar, eu me preparo, ponho a roupa, sento lá, fecho a porta.

J.M. – E você é daqueles... você é um cara que lê bastante... você é um dos caras que lê anotando assim ou tu lê, ruma, pensa... é o cara que rabisca, faz esqueminha?

J.S. – Não, eu rumino. Eu demoro até...

J.M. – É, tu falou que demora cair a ficha.

J.S. – É. Depois que eu leio, eu demoro para fazer anotação.

J.M. – E, cara, já tamo quase terminando, o que é que assim tu sente falta na tua rotina profissional hoje? Você pensa em fazer doutorado? Não? Se sim, relacionado a ensino, cara?

J.S. – Eu penso em fazer doutorado, sim. Então, não sei ainda se relacionado ao ensino, sabe? Mas é um negócio que tem que fazer sentido para mim. Eu não quero produzir uma tese para ter um título, para ninguém ler. É uma parada meio de vaidade, eu acho também. Eu quero produzir uma tese para ser lida, sacou? E não só para ser lida por cientista social. Eu quero produzir um material para ser lido por quem quiser ler. Então tem que fazer sentido para mim, e isso não bateu ainda, não.

J.M. – Sei.

J.S. – Eu não sei ainda em que área que vai ser.

J.M. – Mas essa vontade de comunicar com outros públicos assim, tu sente falta disso como cientista social? Você sente falta?

J.S. – Ah sim, cara. Sinto sim. Eu desafogo um pouco dessa vontade na literatura, não é? Eu hoje estou escrevendo literatura para público de hip hop.

J.M. – Como assim, cara?

J.S. – Coisa recente, coisa de um ano. Eu fiz um curso... lá no colégio a gente tem o projeto ágora, que são umas matérias opcionais, uma obrigatória opcional. Ela tem todo ano...

J.M. – Entendi. Tem que escolher alguma coisa.

J.S. – É. E aí ano passado eu montei um curso sobre hip-hop, a cultura hip-hop. Eu e o Jader, professor de geografia.

J.M. – Para os alunos isso do colégio?

J.S. – Para os alunos, é. E a gente combinou de não ficar dentro da escola, de fazer abertura do curso dentro da escola e depois ir para rua. E aí nisso, eu comecei a fazer contato com o pessoal da cena local do hip-hop, de movimento de bairro, com artista, com grafiteiro. E aí eu comecei a participar para além dessa dinâmica do curso que a gente estava dando. Eu comecei a participar dos eventos deles. Inicialmente, eu levava os alunos para participar dos eventos e depois comecei a ir sozinho.

J.M. – Os alunos curtiam, imagino...

J.S. – Curtiam a gente ir para roda de rima, ir para o agosto negro. Todo ano eles fazem o agosto negro, que é um mega evento na cidade da cultura hip hop. E aí trazem rapper, escritores, grafiteiros, dançarinos e tal. E aí o primeiro grande evento que eu levei o pessoal foi esse. A gente levou uns vinte e poucos alunos para participar do agosto negro, e ali eu conheci um monte de gente da cena local. E aí a gente começou a ir para os eventos com um grupinho de alunos e não sei o quê, depois eu fui para deleite pessoal mesmo. E lá o pessoal descobriu que eu escrevia, cara, poema, e começaram... às vezes eu estava de bobeira, chegava num evento, no bate-papo deles, que logo depois ia rolar um show de rap, não sei o que, e alguém chegava e falava “pô, Julio, vem aqui e recita um poema para gente e tal”. Só que a primeira vez que me pediram isso, eu nem fui, cara, porque eu achei que não tinha nada

a ver meu poema acadêmico lá no meio daquela molecada. E aí eu voltei para casa pilhado e fiz um poema marginal. Risos. E aí fluiu, cara, fluiu o gosto pela coisa. Tem até um certo público já. Tem o slam, s-l-a-m, de batalha, que eles fazem o slam poético, que é uma batalha de poetas, que cada um vai lá e faz um poema e tem um jurado que dá a nota e as melhores notas vão para semi-final e depois para a final. E aí, cara, eu participei de um slam desses.

J.M. – E aí?

J.S. – Não fui nem semi-finalista não, mas cheguei lá com um poema, eu cheguei lá meio de paraquedas assim, não entendia direito como que era a dinâmica da coisa, tanto que eu levei um poema só. Se eu tivesse virado semi-finalista, eu nem teria um segundo poema para falar.

J.M. – Sei, sei, sei.

J.S. – Aí assim, cheguei lá meio de paraquedas, participei do negócio, a molecada gostou e tal, e eles começaram a me convidar para participar de outras batalhas, sacou? A divulgar as batalhas nas escolas públicas da cidade, a fazer a abertura do evento. Em maio, final de maio, teve uma batalha que eles juntaram alunos de várias escolas públicas, só que antes de rolar a batalha, teve uma roda de poesia com os adultos para estimular a molecada a se inscrever, sacou? Aí, recentemente, eu fui convidado de novo para outras duas rodas, então...

J.M. – Pô, de certa maneira, você vê uma conexão entre as duas coisas aí, o Julio professor, sociologia, poesia, cidade e tal? Porque ouvindo assim eu vejo.

J.S. – Vejo, vejo sim, cara. É, então, pô, eu estou fazendo um poema sobre violência, um poema sobre alienação, sobre corrupção, sobre o lobby em relação ao prefeito da cidade. O nosso prefeito aqui, por exemplo, ele fez um acordo com vários grupos de engenheiros aí e no primeiro mandato dele, ele praticamente só construiu ponte na cidade. Várias pontes pela cidade à fora e tal, todas muito caras. E são os caras que... os grupos que ganharam a licitação para fazer essas pontes são os mesmos grupos que financiaram a campanha dele. Então eu fiz um poema que eu falo disso no poema. Então, assim, é um jeito de falar para o grande público, não só durante uma aula de sociologia.

J.M. – Aham. Maneiro, maneiro. E para os próximos anos, cara? Continua... gostaria de continuar trabalhando no colégio ou com ensino de maneira geral?

J.S. – Sim, sim. Eu sou efetivo lá. Então assim, a minha ideia é continuar mesmo, cara. E assim, ir ampliando a coisa, não é? Tomara que eu ache o fio da meada aí do doutorado em breve e... ah, fazer mais literatura, mais música. É muito legal isso assim de ser servidor público, porque depois que eu passei no concurso, eu retomei com muita vontade de fazer música, de fazer poesia. Dá uma tranquilidade. É, tipo assim, agora eu tenho com o que pagar minhas contas, mas também não é só isso, porque também é um negócio que eu gosto muito de fazer, mas, assim, agora eu tenho como pagar minhas contas e depois que a conta tiver paga, eu posso fazer outras coisas legais também. E aí, deu esse gás, sacou? Estou compondo mais, estou escrevendo mais, só não estou tocando mais por falta de tempo.

J.M. – É, ainda mais com a filha pequena agora, não é? [Risos] Pô, Julio, já acabei as perguntas e queria te agradecer, cara, pelo teu tempo. Espero que tenha sido tranquilo.

J.S. – Nada.

[FIM DO DEPOIMENTO]